

VIVÊNCIA RELIGIOSA E SACRIFÍCIO RELIGIOSO

Josefa Vênus de Amorim
Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB

Margarida Maria Silva Gomes
Pedagoga, Aluna Especial do Mestrado em Ciências das Religiões – UFPB

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as conexões entre a antropologia e o sacrifício religioso, composto de símbolos, ritos e rituais, o sacrifício está permeado de sacralidade, abordar a relação entre o sacrifício e a antropologia religiosa, motiva e ao mesmo tempo é um desafio, sendo o sacrifício um elemento presente em diversas religiões é um tema de difícil abordagem e interpretação. A antropologia teológica constituída por seu modo de entender e explicar o ser humano como um organismo psicofísico resultado da estreitíssima união entre corpo, alma ou espírito, em constante tensão de aperfeiçoamento, complementaridade e busca de transcendência. Neste trabalho damos ênfase ao caráter religioso do sacrifício e as motivações para os ritos e rituais.

Palavras chave: Antropologia. Sacrifício. Vivência Religiosa.

INTRODUÇÃO

Nos ritos de sacrifício, um objeto é oferecido à divindade para estabelecer, manter ou restaurar a relação adequada do homem com a ordem sagrada. O sacrifício encontrado em todas as religiões pode ser sangrento, incruento ou em forma de oferendas divinas. Como exemplo, no sacrifício sangrento podem ser citados os sacrifícios humanos de fenícios e de astecas. Nos sacrifícios incruentos as oferendas são de arroz e comida exemplos dos povos asiáticos. O sacrifício da própria divindade, tendo como exemplo o ritual da eucaristia da religião católica.

A Antropologia Social tem como embasamento o estudo das relações e dos sistemas sociais que são próprios das diversas sociedades humanas. Esta classe de investigação se ocupa de comparar sistemas sociais no tempo e no espaço com a finalidade de verificar sua estrutura e os caracteres que distinguem cada forma de comportamento, e as organizações dentro das quais costuma estar legitimado o comportamento social, como: a família, o parentesco, o matrimônio, as funções econômicas, políticas e jurídicas, assim como as de caráter religioso, e o conjunto de

sistemas que fazem referência à moral, à ética e aos resultados que produzem as relações sociais.

Desde os primórdios a errância dos seres humanos pela terra representa uma busca, constituída pela grande constelação simbólica da culpa ou da punição por falta cometida, arquetipicamente relacionada à expulsão do Paraíso. Caída na temporalidade, resta à humanidade a busca do paraíso terrestre ou a ascensão espiritual ao paraíso celestial. Esta busca não é conseqüentemente uma aventura fácil; antes, representa uma caminhada cheia de dificuldades e provações, como se deve esperar. A busca pelo paraíso leva o ser a uma constante luta entre o sagrado e o profano, nas crenças religiosas cultivam a esperança de salvação, segundo (DURKHEIM, 2003 p. 24).

As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer a distancia das primeiras. As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas. Enfim os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas.

O desejo ardente, a necessidade pela religião que o ser humano busca para dar sentido à vida, é a experiência comum em toda cultura e de toda era desde o surgimento da raça humana. Assim, os seres, herdeiros dessa herança imaginária, “o paraíso”, se coloca consciente ou inconscientemente na posição de peregrinos, no tempo e no espaço, é o caso das festas e romarias que são celebradas em dias de padroeiros e santos de diversas cidades do Brasil.

Vilhena (2005. p. 126) vem colaborar quando afirma que: “Os ritos podem intermediar relações de ajuda e troca entre os seres corpóreos e incorpóreos, favorecendo, para ambos, movimentos ascensionais”. Com objetivos de reconciliação com o sagrado, torna-se um espaço de sociabilização com pagamento de votos e promessas feitas aos santos sejam com bens materiais ou simbólicos, torna-se um espaço de trocas de cultura e costumes, um verdadeiro mundo de relações. (NASCIMENTO, 2002), afirma que,

Dessa maneira, de um lado, a festa mostra-se um espaço privilegiado para a compreensão do universo camponês e para sua atualização, e, de outro, para o estabelecimento de trocas entre valores e práticas distintos, rurais e urbanos, em outras palavras ela se apresenta como um lugar de encontro não somente entre seus atores, mas também

entre visões de mundo e estilos de vida distintos, relativos aos mundos do campo e da cidade. Nesse sentido a criação do novo, neste universo camponês, não emerge necessariamente de uma relação estática ou passiva com a sociedade abrangente, mas de um processo interno e externo de permanência e transformação.

Utilizando os conceitos de Marcel Mauss. A devoção sacrificial é um tipo de contrato entre o fiel e a divindade, que envolve sacrifício. Não só o sacrifício de animais ou pessoas, mas as práticas de ritos de autoflagelação, de castigo do corpo até os limites da resistência, de atos penitenciais, que privam o corpo de algo prazeroso, ou ainda, a prática de determinados rituais que provocam dor em troca de benefícios, dons ou graças concedidas pelo santo.

Mauss, (2005 p.141), no texto *Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício*, aponta três principais características ou funções do sacrifício: o sacrifício-Dom, o sacrifício-alimento e o sacrifício-contrato. O sacrifício pruraliza-se, divide-se e modifica-se na constante perpetuação das relações.

Faremos aqui, com as práticas penitenciais na devoção sacrificial, a comparação desse último modelo; o sacrifício como forma de pagamento de um contrato com o santo. Esse ritual ou forma de pagamento, segundo Mauss destina-se a fazer chegar até os seres espirituais, e as coisas espiritualizadas através dos ritos sacrificiais. Isso, segundo ele, ajuda a conferir ao fiel, direito sobre seu Deus, mas ao mesmo tempo ameniza o sofrimento material ou espiritual, individual ou coletivo. Segundo (VELHO 1997 p. 29).

Há um razoável consenso em torno do fato de que em toda sociedade os indivíduos procuram controlar o sofrimento físico e psicológico, ou reduzindo-o a um mínimo suportável (que obviamente variará) ou enquadrando-o dentro de modelos e paradigmas que o justifiquem ou mesmo expliquem. Sem dúvida os dois movimentos são, em princípio, complementares ou até duas facetas do mesmo fenômeno. Isso não impede que indivíduos, em certos contextos, procurem o sofrimento, como se pode ver, por exemplo, na hagiologia cristã, nas histórias dos santos mártires ou nas privações do ascetismo oriental. Nesses casos, a procura de determinado tipo de dor, física ou psicológica, ou até a morte, estará dentro de paradigmas legitimadores.

A procura de uma solução para sanar o sofrimento, muitas vezes causado pela consciência culpada, deve-se ao cumprimento de uma lei que, entre os membros de uma determinada crença, poderia ser traduzida pelo imperativo do progresso moral e

espiritual: se quisermos reconquistar o paraíso, precisaremos provar a nossa descendência divina pelo exercício de solidariedade, de compaixão e pureza de propósitos. Este exercício requer dedicação e sacrifício.

Assim, os membros de determinadas religiões aceitam com humildade os seus infortúnios, entendendo que a sua passagem pela terra representa uma oportunidade individual de provações e crescimento, para a qual concorre o princípio espiritualista por excelência: o livre-arbítrio, que estabelece a responsabilidade individual por nossas escolhas.

As religiões são instituições que organizam a adoração ao sagrado. Embora de origem divina, a maioria está eivada da influência humana. A disciplina moral, a formação espiritual, a prática da humildade e da caridade entre os membros ecléticos de uma crença religiosa representam meios que justificam um fim: as graças (merecimento) aos olhos de Deus.

2 Vivência religiosa e sacrifício

Vivência religiosa é caracterizada pelo sentimento de dependência do crente em relação ao Ser Supremo. Desde a Antiguidade até os nossos dias, manifesta-se sob vários matizes: ora menos racional, ora mais. Contudo, sempre imerso num mundo sobrenatural, estigmatizado pelo amor e pelo temor.

Quando analisamos a vivência religiosa da humanidade, ao longo da sua história e, em particular, quando procuramos perspectivar as origens do fenómeno religioso, dificilmente encontramos elementos que confirmem a idéia de que a compaixão representa a sua tônica dominante. Pelo contrário, todos os dados antropológicos apontam antes para a predominância do sacrifício como traço comum da experiência religiosa.

O sacrifício é a abnegação de alguma coisa, que não deixa de trazer novos e interessantes esclarecimentos a lógica estrutural do sacrifício, enquanto fator de coesão social que perpassa nas práticas simbólicas, seja de uma realização individual ou coletiva.

Nesses momentos de grande transição, a religião tem um grande impacto na religiosidade humana, por isso estudar o fenómeno religioso é uma urgência do presente e um dever para a construção de uma consciência individual e coletiva. Na mitologia

grega, os homens não separam o sobrenatural e o natural. Vernant (2006 p. 59), afirma que:

Nela o sagrado e o profano não formam duas categorias radicalmente contrárias, excludentes uma da outra. Entre o sagrado inteiramente proibido e o sagrado plenamente utilizável, encontra-se uma multiplicidade de formas e de graus. Além das realidades que são dedicadas a um deus, reservadas ao seu uso, há algo de sagrado nos objetos, nos seres vivos, nos fenômenos da natureza, assim como nos atos corriqueiros da vida privada.

Embora possamos detectar uma enorme diversidade de formas sacrificiais que podem oscilar entre o holocausto sangrento de pessoas e animais até a mera oferenda de flores e frutos. Na gênese de todas as religiões conhecidas encontra-se a idéia de um ato ritual no qual se sacrifica algo de precioso como forma de estabelecer, perpetuar ou restaurar o elo de ligação com o objeto de veneração, seja este último um antepassado, um animal totêmico ou uma divindade.

A palavra “sagrado” visa descrever o sentimento ambivalente em face do ato “sacrificial”, no qual uma vítima é aniquilada real ou simbolicamente como forma de contacto e de ligação entre os homens e os deuses. Sacrifício significa, “*sacrum facere*”, fazer ou tornar algo sagrado. A vítima, através do ritual, se comunicaria com a dimensão divina e, como tal seria, por um lado, venerável e susceptível de admiração.

Mas, por outro lado, ela tinha de ser aniquilado sob pena de não existir doação e contato, o que implicava que fosse considerada «maculada» e «impura». Deste modo, a vítima sacrificada apenas seria o meio de apaziguamento de uma faceta inquietante do sentimento religioso, bem expresso nas noções religiosas tardias de ira ou cólera divina.

Nesse contexto as Ciências das Religiões podem ser investigadas de formas variadas por tratar-se de um fenômeno de múltiplos territórios, de acordo com os diversos propósitos, culturais, econômicos, tradicionais. Segundo Eliade, (1989, p. 19), “Tal como qualquer fenômeno humano, o fenômeno religioso é extremamente complexo. Para apreender todas as suas valências e todos os seus significados, há que abordá-lo de vários pontos de vista”.

A teologia do sacrifício permanece uma questão em aberto, não apenas para as religiões que ainda realizam rituais de sacrifício, mas também para as que não mais os praticam, ainda que suas escrituras, tradições e histórias façam menção a sacrifício de animais. As religiões apresentam diversas razões pelas quais os sacrifícios podem ser realizados.

3 Dos Ritos e rituais

Os rituais sacraliza, ou seja, consagram algo para a eternidade, conferindo-lhe uma dimensão sagrada e os ritos como normas e padrões dos rituais permitem distinguir percursos de sacralização e afirmam um dado caminho distintivo. O fenômeno religioso sempre ocorreu com ritos e rituais que advem de uma cultura antiga, especificamente a grego-romana, neste contexto segundo Vilhena (2005 p.38).

O rito, como construção humana nasce e fala precisamente, das necessidades, busca, esperanças, angustias, ilusões enraizadas na história de cada ser humano em particular e na história coletiva. No rito estão recolhidas e são atualizadas explicações encontradas, tradições conservadas, novidades propostas. Nele o presente é interpretado e ganha sentido, e o futuro é antecipado por meio de desejos que, ao serem expressos no contexto ritual, objetivam simbólica e historicamente suas concretizações. Pela tensão que nele se estabelece entre o passado, o presente e o futuro, pode-se afirmar, mais uma vez, seu caráter transcendente e instaurador.

De acordo com o sociólogo Durkheim (2003, p. 19).

Os fenômenos religiosos podem ser classificados em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados de opinião e consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados.

Toda religião supõe uma classificação das coisas, reais e ideais, em duas categorias ou gêneros oposto designados com os termos profano e sagrado. Os Ritos, rituais e vivência religiosa estão intrínsecos no imaginário humano. Neste sentido, Vilhena (opcit p. 57) diz que:

O imaginário nesse sentido, é nossa via de acesso às realidades invisíveis ou aquelas ditas como sobrenaturais. Porque nosso imaginário é povoado por fantasias, sonhos, utopias, criações de situações, lugares e seres, somos capazes de produzir ciências, poesias, romances, músicas, pinturas, esculturas, religiões. Esse processo vivido no plano individual também acontece no plano coletivo.

Os ritos atualizam e mantêm vivas as energias cósmicas que fluem dos mitos e, dessa forma, eternizam o potencial intrínseco de estruturação da psique. Os ritos lançam

mão de elementos simbólicos que agrupam em torno de si uma variedade inescrutável de qualidades e quantidades de energia psíquica.

A cada situação mítica, ou arquetípica, podemos associar um conjunto de procedimentos “a priori” ao qual chamamos de rito. O rito, assim como os mitos, estão diretamente ligados ao sagrado e à comunicação com a realidade transpessoal e subjetiva que compõem as representações humanas.

Tanto o corpo quanto à psique tem sua história, uma história comum que se desenvolve concomitante uma à outra e que vai do caos ao cosmos, rumo ao sagrado. Em Jung (2008, p. 47), temos no processo de individuação esse caminho que é sempre orientado em direção ao centro, ao Self, um caminho vivido em todas essas dimensões humanas.

Enfim, para falarmos em mito e mitologia com olhar junguiano ou mesmo em psique, arquétipos e inconsciente coletivo haveremos de entender que esses fenômenos são primeiramente vividas na dimensão e expressão do corpo para depois serem narrados na concepção espaço-temporal de cada um.

Esses elementos são a própria psique viva, plena em imagens, emoções, afetos e todas as formas estruturantes de viver. Por mais que não saibamos ou queiramos reconhecer somos regidos por leis ontológicas primais e nada melhor do que os mitos, ritos e símbolos eternos para nos atestar sobre a ordem arquetípica subjacente a todo comportamento significativo do Homem.

Conclusões

O sacrifício religioso, o mundo das relações e a antropologia são terrenos ou espaços, reais, simbólicos e imaginários, estabelecidos por aqueles que aceitam a necessidade de diálogos para descobrir e explorar tanto os acordos e desacordos entre as religiões e o próprio ser, nessa busca de encontro, que destina-se a aprofundar o empenhamento e a compreensão individual e coletiva, em suas próprias tradições, enquanto, ao mesmo tempo, tornando-os dispostos a aprender com outras tradições.

REFERENCIAS

- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea, **Aspectos do mito**. RJ: Edições 70, 1989.
- _____, **O sagrado e o profano**, SP, Martins Fontes. 1992.
- JUNG, Carl Gustav, **A energia psíquica**, 10. ed. RJ: Vozes, 2008.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**, Rio de Janeiro. Editora Perspectiva. 2005.
- MAUSS, Marcel e Henri Hubert, **Sobre o sacrifício**. SP: Cosac Naify, 2005.
- NASCIMENTO, Silvana de Souza. **A festa vai a cidade: uma etnografia da romaria do divino Pai Eterno**, Goiás. Revista Religião e Sociedade, 22/2, Rio de Janeiro. 2002.
- VERNANT, Jean – Pierre, **Mito e religião na Grécia antiga**. SP: Martins Fontes, 2006.
- VELHO, G. "Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas" Gilberto Velho. IN: **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1981.
- VILHENA, Maria Ângela, **Ritos: expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005. (coleção temas do ensino religioso).